

NÊGO

Boletim do
Movimento Negro
Unificado

Bahia janeiro de 83

4

20 DE NOVEMBRO DIA NACIONAL DA CONSCIENCIA NEGRA
1695 1982



ZUMBI

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO
BAHIA

Este número do NEGO que você está agora lendo é um número muito especial. Ele trata, principalmente, de três datas, de três momentos da história do negro no Brasil. E momentos importantes: O Quilombo de Palmares, A Revolta da Chibata, ambos em novembro, e a Revolta dos Malês, em janeiro. Esses três fatos que a história oficial do Brasil sempre fez questão de esquecer são contudo, na data de hoje, grandes exemplos de luta dos nossos antepassados por uma vida digna e pela busca da liberdade em seu sentido pleno.

O Quilombo dos Palmares que durou 100 anos é o grande exemplo para o Brasil de uma sociedade democrática, igualitária. Seu último comandante, Zumbi, soube com bravura e lealdade lutar até morrer por um ideal tão odiado pelo opressor racista: a liberdade.

João Cândido, o comandante da Revolta da Chibata, o Almirante Negro, conseguiu em novembro de 1910 por em revolta a esquadra brasileira e abolir a chamada Lei da Chibata que punia a vida já

miserável dos marujos,, negros e mestiços, com castigos corporais.

A Revolta dos Malês, aqui na Bahia, foi a mais importante das insurreições escravas acontecidas no século passado. Ocorreu entre os dias 24 e 25 de janeiro de 1835. O objetivo era sempre o mesmo: a liberdade. Licutan, Belchior, Aprígio, Ajahi, Manuel Calafate e tantos outros lutaram e deram sua vida pela transformação da sociedade opressora, racista.

Esses fatos não nos foram ensinados na escola. A luta pela liberdade do povo negro oprimido ainda nos é escondida. Prova de que o tempo passou mas a situação de opressão continua. Este número do NEGO quer que você saiba um pouco desta nossa história. Saiba e transmita. Se a opressão continua, a luta de Zumbi, João Cândido, Licutan, Belchior, Aprígio e tantos outros deve continuar.

Aré.
MNU/Ba

20 de novembro de 1695 Morre Zumbi

Os negros trazidos para o Brasil não se submeteram à escravidão e refletindo o nível de organização social e política que tinham na África, iniciaram a reação. Dez anos após a chegada dos negros, a presença dos Quilombos é denunciada em documentos oficiais da coroa portuguesa.

Durante toda a história da escravidão no Brasil existiram centenas de Quilombos e dentre eles os que mais se destacaram pelo seu tamanho, organização e resistência foram os Quilombos da REPÚBLICA DOS PALMARES.

Os Quilombos da República dos Palmares duraram 96 anos e estavam espalhados pela serra da Barriga em Alagoas. Os palmariños mantinham relações com o exterior, trocando viveres por armas e promoviam ataques aos engenhos para libertação dos escravos.

Os quilombolas possuíam uma organização autônoma tendo cada Quilombo um chefe militar e político subordinados a uma direção central representada por ZUMBI, que do principal Quilombo de Palmares, o Macacos, comandava os Quilombolas.

CRONOLOGIA DA REPÚBLICA DOS PALMARES

- 1600 — Os escravos fogem dos engenhos de açúcar para a serra da Barriga, em Alagoas.
- 1602 — Primeira Entrada contra os Quilombos da serra.
- 1630 — Holandeses em Pernambuco. O estado de guerra permite a fuga de grande número de escravos para o Quilombo dos Palmares.
- 1644-45 — Expedições holandesas contra Palmares.
- 1660 — Ganga Zumba e Gana Zona filhos da primeira AQUALTUNE, chefiam os principais mocambos de Palmares.
- 1668 — Alagoas e Porto Calvo assinam a "união perpétua" contra Palmares.
- 1670 — Apogeu de Palmares com mais de 50 mil habitantes.
- 1671-73 — Luta do governo de Pernambuco contra Palmares, com poucos resultados.
- 1674 — Novas expedições contra Palmares. Há combates sangrentos.
- 1675 — Destruição da cerca do Quilombo do Macacos cujo chefe é ZUMBI. ZUMBI é baleado duas vezes nos combates.
- 1678 — Ganga Zumba negocia a paz.
- 1678-79 — Os partidários de Zumbi não aceitam a paz. Ganga Zumba é assassinado. Recomeça a luta.
- 1691 — O exterminador de negros e índios, Domingos Jorge Velho, lança suas tropas contra as tropas de Zumbi. É derrotado.
- 1694 — Depois de três anos de cerco e com reforços da coroa real, Domingos Jorge Velho consegue destruir Palmares. Zumbi foge com alguns homens.
- 1695 — Zumbi é delatado por um prisioneiro. É atacado por André Furtado de Mendonça. Resiste com seus homens até à morte. Sua cabeça foi cortada e exposta na cidade.

Embora este fato marcante na história do povo brasileiro tenha sido sistematicamente negado pela "história oficial", ainda assim os negros cada dia se conscientizam mais da necessidade de divulgá-la, bem como dela extrair um exemplo valioso de luta.

A luta iniciada pelo grande general negro ZUMBI jamais será esquecida. Temos a certeza que ela será continuada por nós, porque assim entendemos, que na luta entre a opressão e a liberdade não há meio termo, e a liberdade acabará por triunfar.

Afirmando ZUMBI como um grande símbolo da nossa luta de libertação, proclamamos todos os negros a afirmar o 20 de Novembro como o DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA, dia em que convocamos todos à união na luta contra a discriminação e marginalização do negro e pela conquista dos nossos direitos humanos, políticos, econômicos e culturais.

CANTO DOS PALMARES

Eu canto aos Palmares
sem inveja de Virgílio de Homero
e de Camões
porque o meu canto
é o grito de uma raça
em plena luta pela liberdade!

Há batidos fortes
de bombos e atabaques
em pleno sol
Há gemidos nas palmeiras
soprados pelos ventos
Há gritos nas selvas
invadidas pelos fugitivos...

Eu canto aos Palmares
odlando opressores
de todos os povos
de todas as raças
de mão fechada
contra todas as tiranias!

Fecham minha boca
Mas deixam abertos os meus olhos
Maltratam meu corpo
Minha consciência se purifica
Eu fujo das mãos
Do maldito senhor!

Meu poema libertador
é cantado por todos,
até pelo rio,
Meus irmãos que morreram
muitos filhos deixaram
e todos sabem plantar
e manejar aros;
muitas amadas morreram
mas muitas ficaram vivas,
dispostas para amar
seus ventres crescem
e nascem novos seres.

O opressor convoca novas forças
vem de novo
ao meu acampamento...
Nova luta.
As palmeiras
ficam cheias de flechas,
os rios cheios de sangue,
matam meus irmãos,
matam as minhas amadas,
devastam os meus campos,
roubam as nossas reservas;
tudo isto,
para salvar
a civilização
é a fé...

E agora ouvimos um grito de guerra
ao longe divisamos
as tochas acesas,
é a civilização sangüinária
que se aproxima.

Mas não mataram
meu poema.
Mais forte
que todas as forças
é a Liberdade...
O opressor
não pôde fechar minha boca,
nem maltratar meu corpo,
meu poema
é cantado através dos séculos,
esclarece as consciências,
Zumbi foi redimido...

Versos extraídos do poema "Canto dos Palmares" de Solano Trindade.

EXPEDIENTE

N2GO é o Boletim Informativo do
MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO

— Bahia.
Elaboração — Comissão de Imprensa
do MNU
Caixa Postal — 6423

Colaboração:
AUREA ARTES GRÁFICAS
Agradecimento: MANUEL ROCHA
Fotos: RENATO MARCELO

O MNU em novo endereço

Estamos comunicando a todos amigos, simpatizantes e às entidades em geral, que as reuniões do MNU estão se realizando no seguinte endereço: Rua Areal de Baixo, 29-B — Largo 1 de Julho, no Centro de Educação e Cultura Popular (CECUP). Tel.: 243-3643. O MNU além da sua reunião deliberativa com militantes às 4^{as} feiras, 20 horas, realiza outra nos sábados à tarde com todas as pessoas interessadas em conhecer e colaborar com o movimento.

“É COBRANDO O QUE FOMOS QUE NÓS IREMOS CRESCER”

Quando o ano termina, as pessoas são sempre levadas a refletir sobre o que aconteceu com sua vida e, principalmente, fazer planos para o ano que inicia. A gente sempre se pergunta se o que passou valeu a pena, se os erros cometidos poderão ser evitados, e procura retirar das vitórias conseguidas a energia necessária pra prosseguir a vida. É claro que esta coisa toda de passagem de ano é apenas uma convenção, nada muda automaticamente só porque mudou a “folhinha”. Mas de qualquer maneira, é sempre bom reservar uns momentos para rever e avaliar o que passou, isto é uma garantia mínima pra se conseguir um melhor desempenho no futuro.

Nós do Movimento Negro Unificado, não fugimos a esta regra e agora relatamos um pouco do que foi feito durante o ano de 82, um pouco da nossa contribuição para a grande tarefa que é de toda a sociedade brasileira, especialmente dos negros: lutar contra a discriminação racial, onde quer que ela se faça presente.

JANEIRO

- No dia 25 foi realizado um debate sobre a Revolta dos Malês, no Teatro Miguel Santana, Pelourinho. Neste debate procuramos destacar a importância desta revolta para a história do negro no Brasil, buscando desta forma dar uma nova dimensão à nossa participação na construção desta sociedade, que não foi passiva como querem nos fazer acreditar.

MARÇO

- Dia 7 de março, o Grupo de Mulheres do MNU participou do Encontro de Mulheres realizado por vários grupos de mulheres da capital e interior, onde apresentamos uma moção destacando a importância da luta contra a discriminação econômica, sexual e racial que atinge a mulher negra.

- O dia 21 é o Dia Internacional para a eliminação da discriminação racial. Foi instituído pela ONU (Organização das Nações Unidas). Neste dia promovemos a apresentação de uma peça sobre a escravidão, encenada pelo GRUPECO. Após a apresentação da peça, numa escola da Liberdade, realizamos um debate com as entidades negras presentes: B.C. Muzenza, B.C. Malé Debalé e B.C. Ilê Aiyê. Também participamos de um debate sobre discriminação racial promovido pela TV Itapoan.

ABRIL

- Nos dias 9, 10 e 11 foi realizado em Belo Horizonte, MG, o III Congresso do Movimento Negro Unificado. A Bahia teve ativa participação neste Congresso, para o qual levou 15 delegados, além de 2 convidados do B.C. Ilê Aiyê. O Congresso do MNU discutiu uma série de temas (Linha Política, Programa de Ação, Regimento Interno, Eleições 82), e serviu para avaliar a situação do movimento nos vários estados onde ele existe (RJ, SP, MG, DF, PE, RS), além de proporcionar a oportunidade de uma maior aproximação entre seus militantes.

- Nos dias 23 e 24 foi realizado o I Seminário sobre Violência Policial. Esta é uma questão que preocupa o MNU desde a sua criação, e com a união de várias entidades democráticas em torno desta idéia foi possível realizar o seminário. Tudo começou quando em janeiro, o JUC — SOBE, entidade dos moradores do Calabar, distribuiu por toda a cidade um documento (“A PRÓXIMA VÍTIMA PODE SER VOCE”) denunciando o assassinato de 5 pessoas pela polícia, só no mês de janeiro. Imediatamente outras entidades, além do MNU, aderiram à campanha: Grupo Gay da Bahia, Comitê de Anistia e Direitos Humanos, Diretório Acadêmico de Pedagogia da UCSAL, Grupo Adé Dudu. E muitas outras participaram dos debates realizados, engrossando as denúncias contra as arbitrariedades da polícia.

MAIO

- Malo é o mês em que a “oficialidade” se lembra que o negro existe, e isto por causa da tal abolição da escravatura. Nós do MNU, durante este mês nos preocupamos em denunciar a mentira que tudo isto representa, lembrando que o fim da escravidão, não tirou o negro da miséria. Por isto foi realizada a apresentação da peça: “O 13 de maio não é o nosso dia”, com a participação do

Grupo de Teatro Arupemba, onde se destacava a verdadeira situação do negro. No decorrer do mês participamos de vários debates a convite de grupos preocupados com a questão: Grupo Negro da UCSAL, Primaveraarte, entre outros.

- Nos dias 11, juntamente com o B.C. Malé Debalé e B.C. Muzenza, realizamos, no Terreiro de Jesus, uma homenagem a Bob Marley, no 1º aniversário de sua morte. Foi bela manifestação, que mais uma vez demonstrou que a luta do negro não tem fronteiras.

- Também neste mês, participamos de um debate sobre discriminação da mulher negra, no programa “Você, Mulher”, da Rádio Educadora; demos uma força no espetáculo de dança “Magia” de F. Pitanga, vendendo ingressos e possibilitando, no dia 29, um debate com o grupo que realizou o espetáculo.

JULHO

- No dia 17 realizamos em Feira de Santana um dia de debates e apresentação de filmes sobre a discriminação racial. Nosso contato com o pessoal de Feira (Comissão Pró-MNU) já havia começado há algum tempo, e então conseguimos realizar uma primeira atividade naquela cidade, abrindo de forma mais ampla a discussão sobre o negro. Durante este mês o MNU desenvolveu atividades e discussões internas, visando a reestruturação de seus departamentos e da coordenação.

- No período de 29 de julho a 01 de agosto foi realizado o I Encontro Nacional Afro-Brasileiro, promovido pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos, do Rio de Janeiro. Alguns militantes do MNU/Ba. foram convidados a participar das várias mesas redondas realizadas. Também participaram o Malé Debalé, Badauté, Ilê Aiyê e Orumilá. Não era um encontro de entidades, o que criticamos, mas o MNU nacional assim como as demais entidades balanas, acabaram se posicionando como entidades fortes e representativas, em todas as discussões que surgiram no decorrer do Encontro.

AGOSTO

- Nos dias 7 e 21 o MNU realizou debates, visando mais uma vez, ampliar a discussão sobre a participação do negro na história do Brasil. O primeiro debate versou sobre os Quilombos, o segundo sobre as Revoltas Escravas. A participação em ambos foi muito boa, principalmente porque possibilitou o nosso contato com pessoas estudiosas do assunto, assim como permitiu a nossos militantes apresentarem o resultado de estudos que realizam sobre estes temas.

- No dia 21 foi realizada a FESTAÁFRICA, promoção conjunta do MNU, Malé Debalé e Ilê Aiyê, para levantar recursos para contribuir na realização do II Encontro de Negros do Norte e Nordeste realizado em João Pessoa, Paraíba.

- No dia 22 foi realizada, pelo Luiz Gama, um Grupo de Trabalho do MNU que atua em São Caetano, uma homenagem a Luiz Gama, na passagem do centenário de sua morte. Foi uma bela atividade, que contou com a participação ativa dos moradores do bairro que colaboraram com a apresentação de canto, dança e uma peça teatral. Pra lembrar Luiz Gama, um negro abolicionista de verdade, advogado e poeta, filho de Luiza Mahlh, escrava de destacada participação nas revoltas malês.

- No mês de agosto, através de um pequeno documento distribuído para a população, buscamos divulgar a festa da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, de Cachoeira, visando estimular a participação de todos nesta festa, um dos símbolos da resistência cultural do negro brasileiro.

SETEMBRO

- Em setembro, a Sociedade Recreativa da Baixa da Paz (Cosme de Farias), realizou uma Semana da Cultura. Participamos do debate sobre racismo no dia 2.

“É cobrando o que fomos que iremos crescer” ...

(Continuação)

● No período de 4 a 6 foi realizado o II Encontro de Negros do Norte e Nordeste, em João Pessoa, PB. Neste Encontro vários temas foram discutidos, merecendo destaque a preocupação com a ampliação do movimento negro em geral, bem como a consolidação da luta do negro nos estados do norte e nordeste. Participaram do encontro, além da Bahia, os seguintes estados: Paraíba, Alagoas, Pernambuco, Maranhão, Amazonar. Em 83, o III Encontro será em São Luis, Maranhão.

OUTUBRO

● Outubro foi um mês marcado pela preocupação com as eleições que se aproximavam. Sentimos necessidade de marcar uma posição com relação às eleições, embora o MNU, enquanto entidade, não apoiasse qualquer partido, ou candidato. Realizamos dois debates (dias 16 e 23) com candidatos negros de oposição, buscando com isto aproveitar o espaço de discussão política aberto com as eleições, para levantar as reivindicações que mais interessam ao povo negro. Paralelamente aos debates realizamos uma campanha de esclarecimento, onde procuramos através de um documento, chamar a atenção da população para os aspectos realísticos a estas eleições, que não foram democráticas como o governo quis fazer crer. E também alertar contra os candidatos que falsamente se colocavam como porta-vozes da população negra.

NOVEMBRO

● Em novembro, todos os esforços foram voltados para a realização da Semana Nacional da Consciência Negra, em homenagem a Zumbi dos Palmares. Procuramos ao máximo trabalhar com o maior número possível de entidades negras, fazendo com que, cada vez mais, a Semana da Consciência Negra seja responsabilidade de todos. A Semana foi no período de 16 a 21 de novembro, e muitos contribuíram para a sua realização: Malê Debalê, Olorum Baba Me, Ôkanbi, Êbano, Ilê Aiyê, Grupo Versos Negros, Os Negões e Grupo Negro da UCSal.

O ano de 1982 para o MNU girou em torno das atividades que resumimos acima, para alguns pode parecer pouco, mas representa o que pudemos fazer considerando o nível de organização que conseguimos alcançar. Durante este período também procuramos nos posicionar com relação a vários acontecimentos que dizem respeito ao nosso compromisso com a luta mais ampla pela construção de uma Sociedade mais justa. Neste sentido emprestamos nosso apoio através de moções: à campanha pela naturalização de Javier Alfaiá, ex-presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes); à greve dos professores e funcionários da Universidade Federal da Bahia, por melhores condições de salário e contra a reforma da Universidade. Denunciamos a discriminação sofrida por dois negros, que foram presos arbitrariamente com mais 11 pessoas, durante o lançamento de uma revista sobre a guerrilha no Araguaia; denunciámos a atitude racista de um comentarista da Tv Itapoan que discriminou uma esportista negra; denunciámos os ataques que a Igreja Batista, durante um congresso em Salvador, desferiu sobre as religiões negras.

Apesar do trabalho realizado ainda é difícil dizer o que conseguimos de concreto. Temos certeza de que sempre e cada vez mais a questão racial está sendo discutida. Através dos contatos que mantemos em várias partes da cidade, e até do estado, percebemos a possibilidade crescente de criação de novos grupos negros (Feira de Santana, Alagoinhas, Juazeiro e Jacobina, são exemplos disto). Além disto sentimos que as propostas do MNU vão pouco a pouco tendo eco entre a comunidade, as comemorações do 20 de novembro bem o demonstraram. Muitas foram as atividades realizadas em clima desta data, sem a intervenção direta do MNU: a Transafro, a Semana da Consciência Negra promovida pelos moradores do Alto das Pombas e de Periperi, indicam que os negros já acreditam nas alternativas criadas por nós mesmos. O fortalecimento do Grupo de Apolo ao Memorial Zumbi, também é um bom exemplo do crescimento da participação. Formado por várias entidades baianas (MNU, Ilê Aiyê, Malê Debalê, Olorum Baba Me e outras) o Grupo visa divulgar, apoiar e propor iniciativas com vistas à construção de um espaço na Serra da Barriga, Palmares, Alagoas, onde existiu o quilombo dos Palmares, que marque a imortalização de Zumbi e sirva como referência para a nossa luta de hoje.

Mas dizendo tudo isto, não estamos querendo esconder as dificuldades, até porque não seria possível: elas são muitas. Recebemos duras críticas, e nem sempre soubermos encarar-las como devíamos. Para os que querem criticar os canais estão abertos (livros, jornais), mas nossa resposta, na maioria das vezes sai tardia e não atinge a todos que gostaríamos. Muitas vezes as críticas nascem entre os próprios militantes que, inconformados com o encaminhamento de suas propostas, acabam por abandonar a luta. Também não temos tido as reuniões semanais com as pessoas interessadas em conhecer o MNU, e isto certamente prejudica o processo de engajamento de novos militantes. Por outro lado, as dificuldades financeiras às vezes chegam até a impedir a realização de eventos mais fortes, a publicação mais sistemática do jornal NEGO ou a circulação mais ampla de documentos. Ainda não conseguimos esclarecer aos simpatizantes que a contribuição financeira é também uma forma de garantir a atuação da entidade.

Ainda falando de dificuldades, resta lembrar um importante aspecto: nas eleições de novembro de 82, o povo baiano não elegeu candidatos efetivamente comprometidos com a luta do negro, embora em quase todos os partidos houvesse candidatos que diziam representar os interesses mais específicos do negro. O fato de não terem sido eleitos talvez demonstre que na verdade eles não ram os nossos reais representantes, uma vez que não surgiram diretamente das lutas levadas pelos negros. Este é um ponto sobre o qual devemos refletir muito. Já está na hora de começar a saltar também estas barreiras, afinal somos a maioria da população e devemos ter garantida a defesa de nossos direitos em todos os níveis.

De tudo que lalamos o mais importante mesmo, é saber que analisando lembrando o que já foi realizado é que nós conseguiremos atuar melhor no próximo ano. É bem possível que muitas das falhas se devam ao fato das pessoas ainda resistirem em abraçar a luta. Precisamos de muitos braços, muitas cabeças pra ajudar a transformar a sociedade em que vivemos, para construir um mundo em que a discriminação e a exploração não tenham mais lugar.

ENSAIOS DE BLOCOS NEGROS E AFOXÉS

Olhai pessoal, começaram os ensaios dos blocos e afoxés: Veja a relação de alguns:

- | | |
|------------------|---|
| MALÊ DEBALÊ | — Lagoa do Abaeté — Itapoan
Aos domingos às 16 horas. |
| ILÊ AIYÊ | — Curuzu — Liberdade
Aos sábados às 22 horas. |
| BADAUÊ | — Engenho Velho de Brotas
Aos sábados às 22 horas. |
| UNZO DE OBA XIRE | — São Caetano — às sextas, 22 horas. |
| OLURUM BABA MIM | — Caixa d'Água — às sextas 20 horas. |
| OKAMBI | — Engenho Velho de Brotas
Aos sábados às 22 horas |
| ZANZIBAR | — Vale das Pedrinhas
Aos domingos às 17 horas. |
| TENDA DE OLORUM | — Caminho de Areia
Aos sábados às 21 horas |
| MUZENA | — Ribeira — aos domingos às 15 horas. |
| PUXADA AXÊ | — Federação — Cardeal da Silva
As sextas feiras às 21 horas. |



A Revolução dos Malês

Na época em que se desenvolveram as diversas insurreições dos escravos na Bahia, havia uma série de fatores favoráveis às lutas contra o governo. Era grave a crise econômica do país e reinava a insatisfação nos quatro cantos do país, prova disso foram os diversos movimentos oposicionistas que se levantaram: os Farrapos, no Rio Grande do Sul (1835); em Pernambuco, os escravos levantaram-se nas fazendas, assassinando feitores; no Pará (1833) os Cabanos revoltam-se contra a prepotência imperial; a Revolução Praieira já estava no seu desenrolar. A Balalada, no Maranhão em 1838, será uma continuação desse estado geral de coisas. Mas na Província da Bahia acontecia uma crise econômica crônica desde que a capital do país foi transferida para o Rio. A Província produzia grande quantidade de produtos que eram enviados quase que totalmente aos portos europeus que os consumiam. Os escravos, os pequenos lavradores, sitiantes, pecuaristas, intelectuais e artesãos viviam asfixiados pelos senhores de engenhos e de escravos que usufruíam as vantagens desse sistema de economia colonial. Seguramente, nenhuma outra província estava tão convulsionada quanto a Bahia.

A situação era francamente favorável às insurreições e os escravos souberam aproveitá-la. Nasceu dessa forma a insurreição de 1835, a "REVOLUÇÃO DOS MALES", também conhecida como a "GRANDE INSURREIÇÃO". Para os brancos em geral, "Malê" era todo negro muçulmano, empregando-se tanto mais esse termo pelo forte sentido pejorativo que ele carregava. Dado o importante papel desempenhado pelos negros muçulmanos na revolta de 1835, convencionou-se chamá-la de "REVOLUÇÃO DOS MALES".

Dirigida por escravos nagôs, englobará contudo, entre seus dirigentes, negros de diversas outras nações africanas. Demonstrará que os escravos já haviam sedimentado em certo nível organizativo e assimilado uma tradição de luta contra os seus senhores, através de lutas levantadas durante a primeira metade do século XIX. Assim, a revolta de 1835 não foi apenas uma ação violenta e espetacular, surgida de um incidente qualquer e sem plano pré-estabelecido, mas uma revolta planejada nos seus detalhes, precedida de todo um período organizativo de alicenciamento e preparação.

Depois de derrotada a última tentativa dos escravos, chefiada pelos nagôs (1830), procuraram seus líderes se reorganizar e iniciar uma série de preparativos visando reiniciar a luta, reagrupar seus membros e dar início à nova revolta. Além das organizações existentes constituídas de grupos de escravos que se reuniam num clube secreto, na Vitória. Seus cabeças mais ativos eram os escravos nagôs: Diogo, Ramil, James, Cornélio, Tomás e outros. Reuniam-se juntamente com elementos de grupos do centro da cidade, de negros dos saveiros de Santo Amaro e Itaparica, com quem contavam para o êxito do levante. Outros importantes locais de reunião eram a casa do preto Belchior da Silva Cunha, a casa de Pacifico Licutá, no Cruzeiro do São Francisco, a casa de Manuel Calafate, outro líder do movimento. Outro local de reunião era a porta do Convento das Mercês. Os negros que pertenciam àquele convento, dirigidos pelos escravos Agostinho e Francisco juntavam-se aos de outras procedências, discutindo as formas de luta. Além desses lugares principais, e portanto mais vulneráveis à repressão policial e de muitos outros, havia provavelmente em cada senzala um desejo latente de rebelião. Também do Recôncavo: Santo Amaro e Itaparica esperavam os negros uma participação ativa dos companheiros, além de manterem ligações com escravos de Pernambuco. No plano organizativo, contavam também os negros com um fundo em dinheiro, iniciado muito antes do movimento explodir, para as despesas necessárias.

O plano militar foi antecipadamente elaborado da seguinte forma: um grupo partiria da Vitória, comandado pelos chefes do Club, rumando para a Agua de Melinos e um segundo marchando para o Cabrito onde se reuniram as demais forças e se juntariam aos escravos dos engenhos.

Mas um fato imprevisível precipitou os acontecimentos, impedindo que a ação se desenvolvesse conforme o planejado. A delação da negra Gullhermina, que conhecendo todo o plano, denunciou-o ao Juiz de Paz do Distrito que imediatamente tomou todas as medidas visando impedir a insurreição. A cidade ficou em pé de guerra, e as batidas às casas dos escravos se sucederam. A essa altura não era mais possível aos negros reunir, e quando a Polícia invadiu a casa de Manuel Calafate, na ladeira da Praça, foi rechacada por sessenta negros armados de espadas, lanças, pistolas, espingardas, etc. Era a noite de 24 de janeiro.

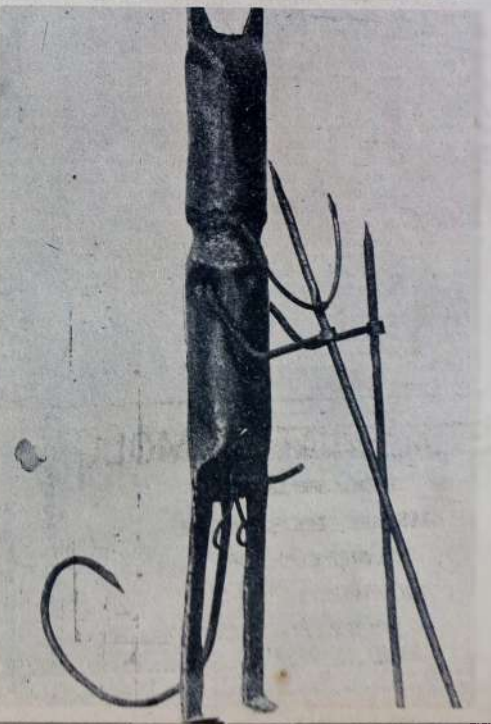
Diversas ações se sucederam durante o combate e deram, como no Largo do Teatro e na Mouraria em que os negros saíram vitoriosos. O último combate se deu na madrugada do dia 25, na Cidade Baixa, os negros não ferozmente atacados pelas tropas do governo. Verdadeira carnificina. As posições mais vantajosas das Forças da Polícia, a superioridade de armamentos fizeram com que os insurretos fossem definitivamente batidos. Cerca de quarenta negros morreram lutando, muitos foram feridos e outros se afogaram tentando fugir pelo mar.

Derrotados os escravos no combate decisivo, inclinou o governo brutal repressão. Uma série de prisões foi efetuada: 281 ao todo, entre escravos e libertos. A cidade ficou sendo patrulhada dia e noite. Os escravos só podiam sair à rua mediante autorização escrita dos seus senhores. Todas as casas de negros foram vasculhadas. Muitos foram detidos para "averiguações" no Forte de São Pedro e no Forte do Mar.

Depois de julgados foram quase todos condenados: Dandara parece ter morrido em combate, Luis Sanim foi condenado à morte, mas teve sua pena reduzida a 600 açoites; Antônio, 500 açoites; Pacifico Licutá, 600 açoites; Higinio, 400; o nagô Luis, que ensinava os demais companheiros a ler, foi condenado a 300 açoites. Cinco foram condenados à morte, fuzilados, por não se ter encontrado carrasco que os quizesse enforcar.

Uma coisa a ser destacada — a posição dos escravos frente a seus acusadores: ninguém delata, ninguém se acovarda. Negam conhecer os companheiros de insurreição. O nagô Joaquim diz desconhecer mesmo seu companheiro de residência. O nagô Henrique gravemente ferido e já sentindo os sintomas do tétano que o mataria horas depois, já preso de convulsões, declarou que não conhecia os negros que o convidaram a tomar parte na insurreição e que mais não dizia por não ser gente de dizer duas coisas: "o que disse está dito até morrer".

O número de escravos mortos durante o levante foi bastante elevado. Talvez tenha chegado à casa dos cem. Uns em combate ou afogados, outros nas prisões, vítimas do tétano e dos maus tratos, além dos que foram condenados à morte e executados. Ainda assim os negros não desistem do seu ideal de libertação e tentam em 1844, talvez pela última vez nesse período, se levantar para extinguir, sem resultado, o regime servil.



A Revolta da Chibata

O jornal o Globo no dia 8 de dezembro de 1969, noticiava com grande destaque: "João Cândido, o marinheiro que em 1910 conseguiu pôr em revolta a esquadra brasileira e abolir a chamada Lei da Chibata, foi sepultado ontem à tarde no Cemitério de São Francisco Xavier. Morreu às 17 horas de sábado, no Hospital Getúlio Vargas, vítima de mal súbito, aos 89 anos de idade". E, como legenda, em baixo do seu retrato: "João Cândido, exemplo para os jovens".

A história de João Cândido, o Almirante Negro, é mais um fato que continua escondido pela história oficial brasileira. Isso porque na história do Brasil não tem lugar para os heróis do povo. E em se tratando de negro, pior ainda. João Cândido foi o marinheiro que no dia 22 de novembro de 1910, comandou a maior revolta popular que já houve na Marinha brasileira, contra a Lei da Chibata, os maus tratos e a má alimentação a que os marujos eram submetidos.

O próprio João Cândido, num relato simples, contou a Edmar Morel, autor do livro "A Revolta da Chibata", como deflagrou a revolta: "Pensamos no dia 15 de novembro. Acontece que caiu forte temporal sobre a parada militar e o desfile naval. A marujada ficou cansada e muitos rapazes tiveram permissão para ir à terra. Ficou combinado, então, que a revolta seria entre 24 e 25. Mas o castigo de 250 chibatadas no Marcelino Rodrigues precipitou tudo. O Comitê Geral resolveu, por unanimidade, deflagrar o movimento no dia 22. O sinal seria a chamada da corneta das 22 horas. O "Minas Gerais", por ser muito grande, tinha todos os toques de comando repetidos na proa e popa. Naquela noite o clarim não pediria silêncio e sim combate. Cada um assumiu o seu posto e os oficiais de há muito estavam presos em seus camarotes. Não houve afobação. Cada canhão ficou guarnecido por cinco marujos, com ordem de atrair para matar contra todo aquele que tentasse impedir o levante.

As 22h 50m, quando cessou a luta no convés, mandei disparar um tiro de canhão, sinal combinado para chamar à fala os navios comprometidos. Quem primeiro respondeu foi o "São Paulo", seguido do "Bahia". O "Deodoro", a princípio, ficou mudo. Ordenei que todos os holofotes iluminassem o Arsenal de Marinha, as praias e as fortalezas. Expedi um rádio para o Catete, informando que a Esquadra estava levantada para acabar com os castigos corporais.

Os mortos, na luta, foram guardados numa improvisada câmara mortuária e, no outro dia, manhã cedo, enviei os cadáveres para terra. O resto foi rotina de um navio em guerra".

Em poucas palavras esta é a história da Revolta da Chibata. João Cândido, até aquela data obscuro, perdido na sorte dos porões dos navios, passou a ser o símbolo de Liberdade de milhares de homens, com as carnes retalhadas pela chibata, e que comiam miseravelmente, trabalhando como escravos. Mas a vitória de João Cândido, acabando com a Lei da Chibata na Marinha, não ficou sem uma resposta vingativa dos poderosos da época. Após o governo ter anistiado todos os revoltosos, começou o crime contra João Cândido e seus companheiros de jornada. Muitos foram fuzilados a bordo do "Satélite", em águas do norte. João Cândido e seus companheiros, todos anistiados, observe bem, foram metidos em masmorras medievais na Ilha das Cobras, onde vários morreram asfixiados com cal virgem. O chefe, aquele que acabou com a chibata na Marinha, foi parar no Hospital dos Alienados. Permaneceu 18 meses numa prisão subterrânea, com água infiltrada. O escritor Edmar Morel em seu livro "A Revolta da Chibata" diz que a verdadeira história de João Cândido começa aqui. É um terrível libelo contra as "instituições democráticas", da época, contra homens poderosos que desceram da dignidade do cargo e foram perseguir um homem do povo, pelo crime, na opinião deles, de ter acabado com os castigos corporais numa Nação tida e havida como cristã, civilizada e sem racismo, acrescentamos. João Cândido sobreviveu. João Cândido sobreviveu. A sua história não esqueçamos jamais. É a nossa História. De luta por uma vida digna para todos. Sem chibata, racismo e opressão. A Revolta da Chibata de novembro de 1910 é mais um monumento feito com sangue e raça pelo negro brasileiro. O Almirante Negro é o nosso exemplo. Não o esqueceremos jamais.

"Glória a todas as lutas inglórias que através da nossa história não esqueçamos jamais salve o almirante negro que tem por monumento as pedras pisadas do cal"

Aldir Blanc e
João Bosco



RESTAURANTE OMOLU

LAGOA DO ABAETE

SAMBÃO ACS SÁBADOS

A NOITE E AOS

DOMINGOS À TARDE,

COM O "GRUPO RAIZES"

Leia O GRITO DA TERRA

UM JORNAL EM DEFESA DOS TRABALHADORES

DA CIDADE E DO CAMPO

Rua J. J. Seabra, 163 — 1º andar s/ 103

CEP 44.000 — Feira de Santana — Bahia